

DOCUMENTAÇÃO

Uma introdução à encíclica “Laudato si” (2)

Uma ecologia integral

Partindo do facto de que tudo se encontra intimamente relacionado, e que os problemas atuais exigem um olhar que leve em conta todos os aspetos da crise mundial, o Papa Francisco propõe, no quarto capítulo, “os diversos aspetos de uma ecologia integral, que integre com clareza as dimensões humanas e sociais” (“LS” 137). Falar do ambiente indica uma relação entre a natureza e a comunidade humana que a habita. “A análise dos problemas ambientais é inseparável da análise dos contextos humanos, familiares, laborais, urbanos, e da relação de cada pessoa consigo mesma, que gera um determinado modo de se relacionar com os outros e com o ambiente” (“LS” 141). Por este motivo, a ecologia integral inclui também aspetos que influem na vida social, como a economia, a política, a cultura.

Na perspetiva desta visão integral, Francisco fala de “uma ecologia económica, capaz de obrigar a considerar a realidade de modo mais amplo” (“LS” 141), não só pelo impacto que certas decisões económicas podem ter sobre o ambiente, como também pelo valor que o ambiente tem na vida dos povos. Fala também de uma “ecologia social”, convencido de que “a saúde das instituições de uma sociedade tem consequências no ambiente e na qualidade de vida humana: ‘Toda a lesão da solidariedade e da amizade cívica provoca danos ambientais’” (“LS” 142). A “ecologia social” necessariamente institucional alcança progressivamente as diversas dimensões que vão do grupo social primário, a família, passando pela comunidade local e pela Nação, até à vida internacional. Por último, fala da “ecologia cultural” que “pressupõe o cuidado das riquezas culturais da humanidade no seu sentido mais amplo” (“LS” 143), o património histórico, artístico, etc. É uma riqueza como o é a variedade das espécies. Por isso, as soluções para os problemas ecológicos “que se vão gerando nem sempre podem integrar-se em esquemas estabelecidos a partir de fora, devendo sim partir da própria cultura local” (“LS” 144).

Estas considerações têm uma motivação antropológica profunda, que o Papa expõe ao falar da “ecologia da vida diária” (“LS” 147--155). Cuidar do ambiente é cuidar “da casa” onde decorre a vida dos homens, garantindo a segurança, a higiene,

acesso a serviços, e evitar situações que atentam contra a dignidade da pessoa. Ao fazer projetos, “faz falta cuidar dos lugares comuns, dos quadros visuais e dos pontos de referência urbanos que fazem aumentar o nosso sentido de pertença, a nossa sensação de enraizamento, o nosso sentimento de ‘estar em casa’ dentro da cidade que nos envolve e une” (“LS” 151). Só se se tiver em conta o homem, conseguiremos criar o compromisso de cuidar da nossa casa comum. Haverá um maior compromisso para colaborar com o bem comum (“LS” 156-158) e transmitir, melhorando-o, o dom recebido às gerações futuras.

Linhas de ação

No quinto capítulo, propõem-se algumas linhas de ação, inspiradas na visão integral da ecologia, tanto no plano internacional como nacional e local, que ajudem a proporcionar uma mudança de rumo. O Papa propõe grandes linhas de diálogo, que deve caracterizar-se por ser sincero, honesto, interdisciplinar, para que, atendendo a todos os elementos dos problemas, se possam levar a cabo soluções concretas. Nesta parte, o Papa propõe pormenores concretos a ter em conta, embora a Igreja “não pretenda definir os temas científicos, nem substituir a política, convido a que haja um debate honesto e transparente, para que as necessidades particulares ou as ideologias não afetem o bem comum” (“LS” 188).

Para terminar o capítulo, o Papa suscita o diálogo entre as religiões e as ciências, convencido de que “não se pode sustentar que as ciências empíricas explicam completamente a vida, a essência íntima de todas as criaturas e o conjunto da realidade” (“LS” 199). A encíclica integra este diálogo; com ela, a Igreja participa das preocupações do homem atual e, consciente que a sua fé pode contribuir para a solução dos problemas ambientais, anuncia o Evangelho da Criação e interpela os crentes a serem coerentes com a sua própria fé e a não contradizê-la com as suas ações, reclama-lhes que “voltem a abrir-se à graça de Deus e a beber no mais fundo das suas próprias convicções sobre o amor, a justiça e a paz” (“LS” 200).

Uma nova cultura

O Papa, “convencido de que qualquer mudança necessita de motivações e de um caminho educativo”, propõe “algumas linhas de amadurecimento humano inspiradas no tesouro da experiência espiritual cristã” (“LS” 15). A mudança para os cristãos implica implementar a nova evangelização. Não pode haver separação entre doutrina e vida, a fé para ser transmitida deve estar viva. A transformação do ambiente passa através da “conversão ‘ecológica’, que implica brotar todas as consequências do seu encontro com Jesus Cristo nas relações com o mundo que os rodeia. Viver a vocação de serem protetores da obra de Deus é parte essencial de uma existência virtuosa, não consiste em algo opcional nem num aspeto secundário da experiência cristã” (“LS” 217). Serem protetores da obra de Deus inclui, em primeiro lugar, a proteção dos nossos irmãos mais frágeis. Partilhar a nossa fé com os restantes homens, criar uma cultura de acordo com o Evangelho da criação “é um bem para a humanidade e para o mundo” (“LS” 64). Só deste modo se irá adquirir “a consciência de uma origem comum, de uma pertença mútua e de um futuro partilhado por todos. Esta consciência básica permitiria o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e formas de vida” (“LS” 202).

O Papa convencido de que a mudança ecológica nasce de uma mudança no homem, capaz de “recuperar os diversos níveis do equilíbrio ecológico: o interno consigo próprio, o solidário com os outros, o natural com todos os seres vivos, o espiritual com Deus”, defende que “a educação ambiental deveria dispor-nos a dar esse salto para o Mistério, a partir de onde uma ética ecológica adquire o seu sentido mais profundo” (“LS” 210). A preocupação pelo ambiente abre as pessoas a temas profundos, aos quais somente a fé pode dar uma resposta satisfatória.

Ao falar sobre o compromisso intergeracional no capítulo IV, Francisco levanta uma interrogação: “Que tipo de mundo queremos deixar aos que nos vão suceder, às crianças que estão a nascer? [...] Quando nos interrogamos sobre o mundo que queremos deixar, entendemos sobretudo a sua orientação geral, o seu sentido, os seus valores. Se não pulsa nelas esta pergunta de fundo, não acho que as nossas preocupações ecológicas possam conseguir efeitos importantes. Mas se esta pergunta for feita com coragem, leva-nos inexoravelmente a outras interrogações muito diretas: Com que finalidade passamos por este mundo, para que viemos a esta vida, para que trabalhamos e lutamos, que necessidade tem de nós esta terra? Perguntas fundamentais, que nos levam a advertir que aquilo que está em jogo é a nossa própria dignidade. Somos nós os primeiros interessados em deixar um planeta habitável para a humanidade que nos virá a suceder. É um drama para nós próprios, porque isto coloca em crise o significado da própria passagem por esta terra” (“LS” 160).

Não basta avançar com respostas para criar uma “‘cidadania ecológica’, tão-pouco bastam normas ou leis e um controlo efetivo das mesmas, pois se se quiser que haja efeitos importantes e duradouros, é necessário que a maior parte dos membros da sociedade a tenha aceite a partir de motivações adequadas, e reaja a partir de uma transformação pessoal. Só a partir do cultivar de sólidas virtudes será possível a doação de si num compromisso ecológico” (“LS” 211). Exige-se uma tarefa

de educação, transformar a cultura, para fomentar essas disposições.

Entre os diversos âmbitos educativos – a escola, a família, os meios de comunicação social, a catequese, etc. – o Papa destaca “a importância central da família, porque ‘é o âmbito onde a vida, dom de Deus, pode ser acolhida e protegida de modo adequado contra os múltiplos ataques a que está exposta, e pode desenvolver-se de acordo com as exigências de um autêntico crescimento humano. Contra a chamada cultura da morte, a família constitui a sede da cultura da vida’ (São João Paulo II, ‘Centesimus annus’ 39). Na família, cultivam-se os primeiros hábitos de amor e cuidado pela vida como, por exemplo, o uso correto das coisas, a ordem e a limpeza, o respeito pelo ecossistema local e a proteção de todos os seres criados. A família é o lugar da formação integral, onde se desenvolvem os diversos aspetos, intimamente relacionados entre si, do amadurecimento pessoal. Na família aprende-se a pedir licença sem servilismo, a dizer ‘obrigado’ como expressão de uma sentida avaliação das coisas que recebemos, a dominar a agressividade ou a voracidade, e a pedir perdão quando fazemos algo de mal. Estes pequenos gestos de sincera cortesia ajudam a construir uma cultura da vida partilhada e do respeito por aquilo que nos rodeia” (“LS” 213).

Trata-se de gestos “ecológicos” ao alcance da mão de todos, que alimentam “uma paixão pelo cuidado do mundo” (“LS” 216). O Papa mostra assim a necessidade de uma profunda conversão interior (“LS” 217), que exige “examinar as nossas vidas e reconhecer de que modo ofendemos a criação de Deus com as nossas ações” (“LS” 218). A conversão implica “gratidão e gratuidade, isto é, um reconhecimento do mundo como um dom recebido do amor do Pai, que provoca conseqüentemente atitudes gratuitas de renúncia e gestos generosos, mesmo que ninguém os veja ou os reconheça [...] Também implica a consciência amorosa de não estar separado das outras criaturas, de formar com os restantes seres do universo uma preciosa comunhão universal. Para o crente, o mundo não se contempla a partir de fora, mas de dentro, reconhecendo os laços com os quais o Pai nos juntou a todos os seres. Conseqüentemente, encoraja o crente a desenvolver a sua criatividade e o seu entusiasmo, para resolver os dramas do mundo, oferecendo-se a Deus ‘como um sacrifício vivo, santo e agradável’ (‘Romanos’ 12, 1)” (“LS” 220).

Esta espiritualidade cristã propõe um modo alternativo de entender a qualidade de vida, e encoraja um estilo de vida profético e contemplativo, capaz de gozar os bens (cfr. “LS” 222). Entre as virtudes deste estilo de vida, o Papa sublinha a sobriedade, vivida com liberdade e consciência, e a humildade, essencial na vida social. Estas virtudes não se chegam a desenvolver, “se excluirmos Deus da nossa vida e o nosso eu ocupar o seu lugar, se acreditar-mos que é a nossa própria subjetividade que determina o que está bem, ou o que está mal” (“LS” 224).

A sobriedade e a humildade proporcionam a “capacidade de convivência e de comunhão” (“LS” 228), de viver o amor fraterno, de prescindir do que é nosso de modo gratuito a favor dos outros, e estarmos conscientes “que precisamos uns dos

outros, que temos uma responsabilidade pelos outros e pelo mundo, que vale a pena sermos bons e honestos” (“LS” 229). Também facilita, a valorização dos “simples gestos quotidianos” que tornam a vida mais suportável. “O amor, cheio de pequenos gestos de cuidado mútuo, é também civil e político, e manifesta-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor” (“LS” 231). Só assim vá-mos experimentar que “vale a pena passar por este mundo” (“LS” 212).

Outro aspeto importante deste estilo de vida é a paz interior das pessoas que “têm muito a ver com o cuidado da ecologia e com o bem comum, porque, autenticamente vivida, se reflete num estilo de vida equilibrado que se junta a uma capacidade de admiração conducente à profundidade da vida” (“LS” 225). O Papa insiste na importância de uma educação estética (“LS” 215), que permite abrir-se à beleza e amá-la, pois a abertura à beleza da criação leva-nos a Deus, empurra-nos para a contemplação, para o crescimento na vida interior. O cristianismo não é uma filosofia, é o encontro com um Deus que “toma a iniciativa”, criador de tudo quanto existe e é bom. Esta convicção permite ao cristão ter “uma atitude do coração, que vive tudo com serena atenção, que sabe estar plenamente presente perante alguém, sem estar a pensar no que vem depois, que se entrega a cada momento como dom divino que deve ser plenamente vivido” (“LS” 226).

Este estilo de vida “implica dedicar algum tempo para recuperar a serena harmonia com a criação, para refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, para contemplar o Criador, que vive entre nós e no que nos rodeia, cuja presença ‘não precisa de ser criada, mas descoberta, desvendada’ (Francisco, ‘Evangelium gaudium’ 71)” (“LS” 225). E como seres criados que somos, também precisamos do contacto físico para crescer em intimidade. Daí que o Papa dedique alguns pontos a falar dos Sacramentos, os quais considera como “um modo privilegiado de como a natureza é assumida por Deus e se converte em mediação da vida sobrenatural” (“LS” 235). Destaca a Eucaristia, pelo que “a graça, tendente a manifestar-se de modo sensível, atinge uma expressão maravilhosa quando o próprio Deus, feito homem, chega ao ponto de fazer-Se comer pela sua criatura. No apogeu do mistério da Encarnação, o Senhor quis chegar ao nosso íntimo através de um pedaço de matéria” (“LS” 236). Seguindo por um plano inclinado, o Papa introduz-nos no mistério da Trindade e faz-nos desejar o fim para o qual fomos criados: encontrarmo-nos “face a face diante da infinita beleza de Deus (cfr. ‘1 Co’ 13, 12) e contemplar com jubilosa admiração que o universo participará connosco da plenitude sem fim” (“LS” 243).

Este fim, mais do que afastar-nos do nosso compromisso com o ambiente, impulsiona-nos a “tomar a nosso cargo esta casa que nos foi confiada, sabendo que aquilo de bom existente nela, será assumido na festa do Céu” (“LS” 244).

Antonio Porras

Professor de Teologia Moral da Universidade Pontifícia da Santa Cruz (Roma)